

Você conhece Suzanne Briet?¹

Sylvie Fayet-Scribe²

Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, Centre d'Histoire du XIXe Siècle, Paris, France

sfayet.scribe@gmail.com

DOI: <https://10.26512/rici.v11.n3.2018.10365>

Recebido/Recibido/Received: 2018-07-19

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2018-07-19

Resumo: Com base na constatação de que apesar de ignorada pelos pesquisadores franceses da área de Ciência da Informação até os anos 1990, Suzanne Briet já há muito tempo gozava de uma reputação considerável nos países anglo-saxões, especialmente nos Estados Unidos, o artigo busca resgatar a história de Suzanne Briet traçando sua trajetória profissional e pessoal. Para tanto, descreve a sua formação inicialmente em História e língua inglesa e em seguida a opção pelas bibliotecas, área onde ela teria atuação inovadora na Biblioteca Nacional da França. Descreve, ainda, a militância de Briet em favor da Documentação, bem como sua participação em associações internacionais da área. Elementos da biografia de Briet também são apresentados, desde sua origem familiar, religião, casamento e participação em associações de luta pelo reconhecimento do direito das mulheres até sua aposentadoria, aos sessenta anos, quando ela se dedica à crítica literária. Analisa o impacto do conceito de documento na perspectiva apresentada no livro *Qu'est-ce que la Documentation?* Conclui que a obra de Suzanne Briet ainda não foi inteiramente conhecida e incita os pesquisadores a ficarem atentos às possibilidades de novas descobertas a partir dos seus arquivos encontrados na cidade dos antepassados de Briet.

Palavras-chave: Documentação. Feminismo. Suzanne Briet.

Do you know Suzanne Briet?

Abstract: Based on the finding that, despite being ignored by French researchers in Information Science until the 1990s, Suzanne Briet has long enjoyed considerable reputation in the Anglo-Saxon countries,

¹ Artigo publicado originalmente no *Bulletin des Bibliothèques de France* (BBF). Agradecemos ao editor da revista, pela autorização da tradução e publicação na RICI. Tradução feita por Georgete Medleg Rodrigues, professora da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Referência: FAYET-SCRIBE, Sylvie. Connaissez-vous [vraiment] Suzanne Briet ? *Bulletin des Bibliothèques de France* (BBF), v. 57, n. 1, p. 40-44, 2012. Disponível em: <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2012-03-0081-001>

² Professora de história e de Ciência da Informação na Universidade de Paris 1 (Panthéon - Sorbonne). Orienta pesquisas e é codiretora da revista eletrônica *Solaris*. É autora do livro *Histoire de la documentation en France 1895-1937*, publicado em 2008 pelo CNRS e do romance *La table des matières*, em 2007. É membro do *Centre d'histoire du XIXe siècle/ISOR* na Universidade Paris 1, onde é especialista em história da Ciência da informação e em história das mulheres e das associações.

Nota do editor: a obra foi traduzida para o português: *O que é a documentação?* Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

especialmente en los Estados Unidos, el artículo busca rescatar la historia de Suzanne Briet trazando su trayectoria profesional y personal. Para ello, describe su formación inicialmente en historia y lengua inglesa y luego la opción por las bibliotecas, área donde ella tendría actuación innovadora en la Biblioteca Nacional de Francia. Describe, además, la militancia de Briet en favor de la Documentación, así como su participación en asociaciones internacionales del área. Los elementos de la biografía de Briet también se presentan desde su origen familiar, religión, matrimonio y participación en asociaciones de lucha por el reconocimiento del derecho de las mujeres hasta su jubilación, a los sesenta años, cuando ella se dedica a la crítica literaria. Analiza el impacto del concepto de documento en la perspectiva presentada en el libro *Qu'est-ce que la Documentation?*. Concluye que la obra de Suzanne Briet aún no ha sido enteramente conocida e incita a los investigadores a estar atentos a las posibilidades de nuevos descubrimientos a partir de sus archivos encontrados en la ciudad de los antepasados de Briet.

Keywords: Documentation. Feminism. Suzanne Briet.

¿Conoces a Suzanne Briet?

Resumen: Con base en la constatación de que a pesar de ignorada por los investigadores franceses del área de Ciencia de la Información hasta los años 1990, Suzanne Briet desde hace mucho tiempo gozaba de una reputación considerable en los países anglosajones, especialmente en Estados Unidos, el artículo busca rescatar historia de Suzanne Briet trazando su trayectoria profesional y personal. Para ello, describe su formación inicialmente en historia y lengua inglesa y luego la opción por las bibliotecas, área donde ella tendría actuación innovadora en la Biblioteca Nacional de Francia. Describe, además, la militancia de Briet en favor de la Documentación, así como su participación en asociaciones internacionales del área. Los elementos de la biografía de Briet también se presentan desde su origen familiar, religión, matrimonio y participación en asociaciones de lucha por el reconocimiento del derecho de las mujeres hasta su jubilación, a los sesenta años, cuando ella se dedica a la crítica literaria. Analiza el impacto del concepto de documento en la perspectiva presentada en el libro *Qu'est-ce que la Documentation?*. Concluye que la obra de Suzanne Briet aún no ha sido enteramente conocida e incita a los investigadores a estar atentos a las posibilidades de nuevos descubrimientos a partir de sus archivos encontrados en la ciudad de los antepasados de Briet.

Palabras clave: Documentación. Feminismo. Suzanne Briet.

1 Desconhecida na França, celebrada nos Estados Unidos

Em sua introdução à tradução, na internet, em 2008, do manifesto de Suzanne Briet (1894-1989), *Qu'est-ce que la Documentation?*³, Laurent Martinet destaca, logo no início, que é do “estrangeiro que veio a luz” para o reconhecimento dessa eminente documentalista, especialista em Ciência da Informação e pioneira em muitos domínios ligados a essas especialidades.

De fato, ainda bastante desconhecida da maioria dos pesquisadores em Ciência da Informação franceses nos anos 1990, muito antes disso Suzanne Briet gozava de uma reputação considerável nos países anglo-saxões. Há cerca de vinte anos que ela é reconhecida

³Laurent Martinet, préface à Suzanne Briet, *Qu'est-ce que la documentation?* : <http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentationographies>,

nos Estados Unidos como a líder de uma modernização das bibliotecas na França e uma pioneira da Ciência da Informação.

Com sua colega Louise-Noëlle Malclès, Suzanne Briet elaborou, desde os anos 1930, alguns instrumentos emblemáticos do avanço francês em matéria de acesso à documentação: o primeiro, ao criar a sala de bibliografia da Biblioteca da Sorbonne, em 1935; o segundo, mais ou menos à mesma época, ao implementar a sala dos catálogos e bibliografias da Biblioteca Nacional. As duas, ambição anódina nos dias de hoje, “moderna” à época, quiseram facilitar a consulta dos instrumentos de acesso à informação (bibliografias, catálogos, índices, dicionários, enciclopédias, repertórios, etc.), até aquele momento conservados em depósitos fechados. Suzanne Briet ampliou, inclusive, a indexação a todas as formas de documentos e desenvolveu um serviço de questionários para os leitores da Biblioteca Nacional em Paris.

A título de simples exemplos dessa influência contemporânea, duas obras recentes – *Le document à la lumière du numérique*⁴ e *Dispositifs info-communicationnels, questions de médiations documentaires*⁵ -, levam em conta a concepção de documento desenvolvida por Suzanne Briet, isto é, uma definição dessa noção estendida aos objetos naturais, na medida em que eles são indexados e utilizados como elementos de demonstração. Contida em sua obra-manifesto, a definição não envelheceu, pois deve uma parte de sua fortuna ao talento pedagógico de Suzanne Briet que propõe, se isso fosse necessário, catalogar um antílope.

2 Alguns aspectos da vida de Suzanne Briet

Suzanne Briet cresceu em Paris, em uma família católica, no bairro do Marais, juntamente com sua irmã Alice, cinco anos mais velha, e à qual Suzanne Briet será sempre ligada. A família é originária de Charleville-Mézières e seu primo – do qual ela é bastante próxima – chama-se André Dhôtel, um romancista ganhador do prêmio *Fémina* em 1955.⁶ Ela obtém sucesso nos seus estudos e sonha, num primeiro momento, em ser professora. Faz sua graduação em História e em Inglês e depois obtém o certificado de aptidão às funções de professora de Letras. Durante três anos, Suzanne Briet ensina em Annaba, na Argélia (1917 – 1920), mudando em seguida de orientação profissional, voltando-se para as bibliotecas. Ela passa em primeiro lugar no certificado de aptidão às funções de bibliotecária (CAFB) em 1924 e, no mesmo ano, é uma das três mulheres bibliotecárias de profissão a ter acesso à Biblioteca Nacional da França. Em 1925, ela se casa com Ferdinand Dupuy, formado em Letras e professor em Toulouse. Oito anos mais tarde eles se divorciam.

⁴ C & F éditions, 2006.

⁵ Hermès-Lavoisier, 2009.

⁶ Éditions Horay, nouvelle présentation, 2005.

As principais realizações profissionais de Suzanne Briet na Biblioteca Nacional são muito representativas do interesse que ela tinha pelas noções de serviço e de modernização. Ela concebe, implementa e dirige, de 1934 a 1954, a sala de catálogos e bibliografias instaladas em um subsolo reformado. É a esse local que durante o terrível e glacial inverno de 1940 que Aline Payen, nascida Puget (1901 – 1994), ia todos os sábados a fim de ajudar Suzanne Briet a construir um fichário com as regras de catálogos estrangeiras. Aline Puget, formada na *Paris American School* por Margaret Mann, conhecia muito bem essas regras. Esse trabalho, paciente e pouco visível, de normalização, iniciado por essas duas mulheres, será conduzido sem descanso por Suzanne Briet sozinha e utilizado mais tarde pela AFNOR.⁷

Desde o final dos anos 1920, Suzanne Briet participa ativamente, tanto nacional quanto internacionalmente, no que se denominava então de “Documentação”. Ela participa da criação, em 1931, e, mais tarde, da direção, da Union Française des Organismes de Documentation (UFOD) e será também a vice-presidente da Federação Internacional de Documentação (FID). Antes da guerra, ela lança as bases de um ensino profissional nesse domínio e, em 1950, quando foi criado o Institut National des Techniques Documentaires (INTD), ela se torna a primeira diretora de estudos desse Instituto.

Finalmente, sempre nessa famosa sala dos catálogos, onde vê passar toda a profissão, Suzanne Briet tem como estagiário Paul Poindron (1912 – 1980), *chartiste*⁸ que dará prosseguimento ao seu trabalho na AFNOR, na FID e no INTD. Em 1951-1952, ela faz uma viagem aos Estados Unidos, onde se interessa pelas “bibliotecas especializadas” (nome da Documentação nos Estados Unidos), e, de retorno à França, publica um manifesto *Qu’est-ce que la documentation?* Além disso, ela será nomeada presidente da Union des Femmes Européennes. Entrevistada por Renée Lemaître⁹ e Mary Maack¹⁰ nos anos 1980, Suzanne Briet resiste a falar de si, inclusive de sua condição feminina: sua educação lhe ensinara a reserva e a modéstia. A intelectual, mulher de ação, não era admitida nos anos 1920-1930: “Suzanne Briet não tinha medo de agir, mas tinha medo de ser mal interpretada em seguida, por ter ousado fazer, ela, uma mulher, coisas que os homens não haviam conseguido”¹¹. Em 1954, com 60 anos, ela se aposenta e inicia uma segunda carreira como historiadora especialista de Rimbaud e das Ardennes francesas.

⁷ Association Française de Normalisation, equivalente à ABNT. (N.T.)

⁸ Formado na *École Nationale des Chartes*, em Paris (N.T.)

⁹ Bibliotecária, foi presidente da *Association des diplômés de l'École des bibliothécaires-documentalistes* e diretora do *Centre de documentation pour la presse des Services américains d'information et de relations culturelles*. (N.T.)

¹⁰ Professora na *University of California*, no *Department of Information Studies* e editora adjunta da *Encyclopedia of Library and Information Sciences*. (N.T.)

¹¹ Carta enviada por Renée Lemaître a Sylvie Fayet-Scribe, em 14 de julho de 1994, comentários da entrevista de Suzanne Briet.

Quando, em 1976, aos 80 anos, Suzanne Briet apresenta – classificadas em ordem alfabética e por palavras-chave – suas memórias para a Société des Écrivains des Ardennes, da qual é membro, estas podem parecer, ao primeiro olhar, como anedóticas, excluindo, de maneira singular, toda a riqueza intelectual vivida por Suzanne Briet no domínio da Documentação. Ela não menciona nem suas leituras, nem seus contatos prestigiosos nos Estados Unidos ou na França. No entanto, a leitura de *Qu'est-ce que la documentation?* mostra o espírito inovador e fundador de sua autora.

Assim, não seria necessário reconstruir, por meio de uma segunda leitura, o universo cultural que foi, na realidade, o seu? Algumas vidas, mais que outras, pedem para ser decodificadas e Suzanne Briet, muito discreta, talvez não tenha entregado todos os seus segredos.

3 Um manifesto, *Qu'est-ce que la documentation?*

3.1 Um manifesto

O livro de Suzanne Briet, *Qu'est-ce que la documentation?*, publicado em 1951, é um texto curto de 48 páginas – uma tomada de posição, um manifesto. Ele atravessa mais de meio século e visa a divulgar ideias novas em um domínio desconhecido na França do pós-guerra: a Documentação.

O título, *Qu'est-ce que la documentation?* lembra um outro que permaneceu célebre, *Qu'est-ce que le tiers état ?*¹², panfleto do abade Sieyès, de janeiro de 1789, publicado como prelúdio à convocação dos estados gerais¹³. O objetivo era ao mesmo tempo pragmático e revolucionário: definir o terceiro estado em função de sua utilidade social. No caso de Suzanne Briet, tratava-se de rápido olhar bibliográfico ao passado quando a opinião de um povo demandava um lugar na sociedade?

Esse texto se compõe de três partes mais ou menos iguais: “uma técnica do trabalho intelectual”, “uma profissão distinta” e “uma necessidade de nosso tempo”. O estilo é claro, os parágrafos são numerados, permitindo uma argumentação metódica. Ele conduz, ao final da leitura, ao objetivo pretendido: mostrar que fora das bibliotecas –, mas também nas bibliotecas –, existe um novo setor, o de uma informação especializada, científica, técnica,

¹² Na França do Antigo Regime (antes da Revolução de 1789), o « tiers état » designava o grupo social constituída das pessoas que não pertenciam nem à nobreza nem ao clérigo, formando maior parte da população e que ocupava a terceira posição na hierarquia social. Era composta de burgueses, artesãos, operários e camponeses. (N.T).

¹³ Os *états généraux* (estados gerais) eram assembleias extraordinárias convocadas pelo rei francês para tratar de uma crise política ou financeira e eram integradas por representantes de todas as províncias pertencendo às três ordens ou terceiro estado. (N.T).

administrativa, que se exprime em perímetros limitados (empresas, associações, poderes públicos, empresas públicas...) e cujo formato não é enciclopédico.

Esses setores estão fora da Biblioteconomia tradicional e merecem um tratamento documentário diferenciado. Sem isso eles não podem progredir em suas atividades: “O professor americano Burchard [John Ely Burchard (1898 – 1975), do Massachusetts Institute of Technology], reconhecendo o dinamismo e a eficiência das bibliotecas de seu país, considera que a ciência encontra seu Waterloo nas bibliotecas”, escreve Suzanne Briet. Esse tratamento documentário se aplica a suportes heterogêneos: estampas, fotografias, jornais, periódicos, filmes, etc., o que traz também novas obrigações relacionadas às funções e de gestão para as bibliotecas.

Suzanne Briet sintetiza a evolução de três fenômenos concomitantes nessa metade do século XX:

- Coleta e tratamento de todos os tipos de suporte que têm cada vez mais tendência a se miniaturizar: “Um volumoso dossiê aparece microfilmado em um bolso de paletó [...], uma biblioteca inteira cabe em uma bolsa à tiracolo. A busca científica se estende às unidades documentárias de toda espécie, documentos iconográficos, metálicos, monumentais, megalíticos, fotográficos, radiotelevisados”.
- Multiplicação dos locais documentários.
- Ampliação da leitura pública.

O documento torna-se uma das condições indispensáveis aos “instrumentos de trabalho mental” e “os instrumentos do trabalho intelectual transformaram profundamente o comportamento do homem [...] a mão serviu ao espírito, o instrumento desenvolveu o cérebro. O cérebro, em contrapartida, guiou a mão. Tal é a onipresença da inteligência”. Suzanne Briet cita Robert Pagès (1919 – 2005), que dirigiu o laboratório de psicologia social da Sorbonne de 1951 a 1985: “A Documentação é para a cultura o que a máquina é para a indústria”. Hoje nós diríamos « tecnologias intelectuais e cognitivas” ou “tecnologias da inteligência”: esses conceitos fazem eco aos trabalhos de André Leroy- Gouhran¹⁴ e dos cognitivistas atuais...

As relações entre o homem e a máquina são evocadas sem complexo, com real humanismo e não o inverso. É por essa razão que, quando Suzanne Briet fala dos *savoir-faire* a adquirir, ao mesmo tempo técnicos e organizacionais, ela não esquece os *savoir-être* humanos: “Senso social, amabilidade, atenção, zelo na pesquisa [...] comportamento

¹⁴André Leroy-Gourhan (1911-1986), arqueólogo e paleontólogo francês que se interessava pela tecnologia e estética e também por reflexões filosóficas. (N.T).

extrovertido [...] dinamismo do documentalista”. Ela deseja uma formação para todos: “A instrução obrigatória e gratuita deverá incluir elementos da pesquisa documentária”; e ela evoca inúmeras vezes “a tarefa da ‘coletivização’ dos conhecimentos” que não poupa nem os pesquisadores, nem tampouco os simples usuários-cidadãos.

A última parte de seu opúsculo insiste no desenvolvimento institucional da Documentação, no plano social, nacional e, sobretudo, internacional. Ela se situa na escala da produção mundial do conhecimento – como seu pai espiritual Paul Otlet, que ela qualifica nos seus escritos de “mago” – mas não destruimos simbolicamente nossos mestres?

Na sua introdução *online* a esse manifesto, Laurent Martinet considera que a maioria das intuições de Suzanne Briet foi confirmada com o avanço da web. Esta última poderia tornar-se “esse serviço público de informação” o qual ela anuncia a implantação. Ronald E. Day¹⁵, por sua parte, mostra o quanto Suzanne Briet atribui à Documentação um papel de líder cultural, tendo que, ao mesmo tempo, difundir seus próprios conteúdos e uma ideologia: a de uma ciência triunfante associada à indústria capitalista mundial.

Ronald Day denuncia a visão internacionalista de Suzanne Briet que, após a Segunda guerra mundial, “consiste em aproximar o dito ‘primeiro mundo’ ao dito ‘terceiro mundo’ [...] e a elevar este último ao nível de desenvolvimento industrial do primeiro”. Essa representação do mundo padece, segundo ele, da falta de um recuo crítico; ela perpetua, em sua ética profissional, a afirmação de uma modernidade positiva do capitalismo industrial mundial sem intervir nas bases conservadoras projetadas por esse modelo de sociedade.

Todavia, resta estudar futuramente, com a ajuda dos arquivos e sem anacronismos, quais relações transnacionais estão em campo: internacionalismo do progresso social e a democratização da cultura ou mundialização do lucro e da globalização financeira? Suzanne Briet viveu diretamente, sem dúvida, a herança esquecida da “primeira mundialização¹⁶”, e esta última nos interroga vigorosamente hoje, e isso não é um mérito desprezível. Seu segundo mérito é de nos ter legado uma concepção renovada do documento, uma oportunidade a agarrar face às interrogações e das dúvidas diante das formas atuais e vindouras do documento digital.

3.2 O que é um documento?

¹⁵ Ronald E. Day, *Tropes, histoire et éthique dans le discours professionnel et la science de l’information*, seminário do *Institut national des techniques de la documentation* ocorrido no Cnam, Paris, em 4 de dezembro de 1998 [traduit par Laurent Martinet] : <http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation>.

¹⁶ Suzanne Berger, *La première mondialisation, leçons d’un échec oublié*, Paris, Éditions du Seuil, 2003.

“Uma estrela é um documento? Uma galé arrastada por uma correnteza é um documento? Um animal vivo é um documento? Não. Porém, são documentos as fotografias e os catálogos das estrelas, as pedras de um museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos em um zoológico”.

Ao dar uma definição de documento com exemplos concretos e vivos, Suzanne Briet busca contestar a visão tradicional na qual o documento é assimilado a um texto e a uma prova para apoiar um fato. Ela abandona a hipótese positivista na qual o documento, matéria válida e viva da ciência, serve de quadro de referência para uma construção ordenada e congelada em um dado momento. Seguindo um método rigoroso, ela deixa para trás o documento que estabelece a verdade definitiva. Ela o substitui por objetos, materiais – como uma antropóloga – e seres abertos que abrem contextos de uso diversos e não se situam nas bibliotecas, mas, por exemplo, nos museus e nos zoológicos.

Nessa perspectiva, é a percepção do objeto (e essa interpretação é totalmente compatível com a semiótica moderna em que o objeto é considerado enquanto signo) que vai transformar o documento em uma forma que substitui o real em mediações múltiplas. Portanto, é possível, com um mesmo exemplo (e Suzanne Briet nos dá o exemplo de um antílope no zoológico), de adaptá-lo a instituições sociais bem diferentes: jornais, rádio, comunicação científica em um congresso, enciclopédia, disco... Assim, escreve Suzanne Briet, “o antílope catalogado é um documento inicial e os outros documentos são os documentos secundários ou derivados”. Em consequência, o documento obteve seu valor documentário (isto é, sua catalogação, que é uma forma de indexação) por seu contexto de recepção.

Por que Suzanne Briet conta a história de uma indexação? Porque acredita que a definição do documento dos filósofos e dos linguistas é “... mais abstrata e por isso mesmo a menos acessível”. Julguemos por esta citação: “[um documento é] todo indício concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com o objetivo de representar, reconstituir ou de provar um fenômeno ou físico ou intelectual”.

Essa definição é ainda hoje pertinente para o documento digital? Sem nenhuma dúvida, pois Suzanne Briet não constrói sistemas de classificação fixos, mas se move sobre um terreno em constante movimento e que muda segundo a variação dos lugares de recepção. Ela não classifica mais, ela designa e fixa um contexto; é uma indexação que cria uma permanência documentária. Ora, mesmo no momento atual, com uma estrutura hipertextual, o documento digital não muda de conteúdo informacional, é seu contexto de recepção que migra.

O exemplo do antílope no zoológico não é anedótico. Ele inaugura uma ruptura e questiona antigas confusões que podem soldar o meio, a mensagem e a significação. As

fronteiras do documento digital são, mais do que nunca, atuais. E, sem dúvida, o índice de citações emprestando a definição de Suzanne Briet na internet explica-se pela necessidade de retorno a um texto fundamental para esclarecer as interrogações atuais sobre o documento digital.

4 Uma vida intensa

Se Suzanne Briet é conhecida essencialmente por *Qu'est-ce que la documentation*, texto conciso e que se lê rapidamente, ela também publicou muitos artigos no estrangeiro, para organismos internacionais, mas igualmente para associações militantes da Documentação, e até de crítica literária. Segundo sua opinião, a vida dos bibliotecários e de outros documentalistas, em seu trabalho, mas também fora dele, não tem nada de arrebatador, senão de apaixonante, e transcorre sem conflitos nem investimentos pessoais. Atualmente ainda, muitos mantêm essa imagem tradicional.

Ao contrário, eu mostrei em meu romance¹⁷ que dedica uma grande parte à vida e às ações de Suzanne Briet, esta última (como muitos outros profissionais, é claro...) não tem nada a ver com esses preconceitos e essa visão reducionista. Ela soube, contrariamente, desenvolver sua ação em muitas vias diferentes, algumas ligadas à Documentação, outras não, porém em um conjunto coerente, o de uma vida devotada à construção de nossa sociedade do conhecimento, e isso em múltiplas direções, que podemos esquematizar, aproximadamente, como se segue.

Inicialmente, o engajamento de Suzanne Briet em grupos associativos constitui a espinha dorsal de seu percurso, tanto em associações criadas para constituir e defender a Documentação, tais como a UFOD (Union Française des Organismes de Documentation), quanto em associações que lutam pelo reconhecimento do direito das mulheres. Assim, ela se dedica bastante à causa da profissionalização das mulheres, cria um Rotary Club feminino, que conta até oito mil aderentes. Essa associação e outras são os germes de uma construção coletiva do conhecimento.

A ação de Suzanne Briet pode ser percebida como ultrapassada, essas duas causas já foram conquistadas hoje? Infelizmente, a inegável feminilidade dos nossos ofícios prova, ao contrário, a atualidade dos combates empreendidos. O famoso “telhado de vidro”, metáfora de nossas carreiras bloqueadas embaixo da escala, ainda existe. Quanto à cultura da informação e da Documentação para todos, ela está longe de ser uma realidade pedagógica conquistada da escola à universidade.

¹⁷ *La table des matières*, Panama, 2007.

Ao longo de sua carreira, Suzanne Briet manifestou sua vontade de estar, no serviço público, à escuta das “*desiderata*” dos usuários, o que significa “necessidades” na linguagem da época. Seu objetivo era formar os “usuários”, bem como os futuros profissionais, ao que se nomeia atualmente a “cultura da informação”. Aqui é igualmente inútil destacar o quanto tais instituições eram, nos anos 1930, premonitórias. Para Suzanne Briet, como para muitos técnicos de hoje, trata-se de democratizar para cada cidadão a aprendizagem dos instrumentos de informação e seu manuseio: ela vê a Documentação e sua utilização ao mesmo tempo como metodologias individuais do trabalho intelectual e como uma organização coletiva de gestão da informação.

Ademais, Suzanne Briet trabalhou durante mais de trinta anos na Biblioteca Nacional e provou, ao longo de sua carreira, sua capacidade de viver simultaneamente em diferentes formas de cultura, a fim de obter todos os benefícios possíveis, especialmente a cultura de empresa a respeito da qual ela afirma, sem cessar, o crescimento e o papel de uma gestão científica e técnica da documentação nas empresas francesas. Ao mesmo tempo, essa cultura do setor privado se mescla àquela do serviço público, herdeira da vontade republicana do progresso científico e industrial para todos e das esperanças militantes da educação popular. Suzanne Briet possui, do mesmo modo, uma cultura profundamente cristã, em que a fé, embora permaneça na esfera do privado, exprime-se na ação cotidiana: “Eu sou católica e francesa e a palavra documentação está nas minhas preces como na minha profissão”, ela escreve nas suas memórias.

5 Conclusão

A obra de Suzanne Briet permanece em larga medida a ser descoberta, e um acontecimento poderá talvez fornecer aos pesquisadores a ocasião de fazê-lo. Com efeito, em consequência de uma mudança, a midiateca « *Voyelles* » de Coeur d’Ardenne, situada a Charleville-Mézières, cidade de onde se originaram os antepassados de Suzanne Briet, descobriu um legado¹⁸ de Suzanne Briet contendo, além de sua biblioteca pessoal, uma misteriosa caixa-arquivo com uma curiosa advertência: “*Abrir somente cinquenta anos após o falecimento de Julien Cain*”.

Não há dúvida de que esses arquivos, adequadamente explorados, permitirão estudar a “segunda carreira” dessa especialista de Rimbaud, historiadora das Ardenne francesas, crítica literária, que marcou a história da Documentação, mas que, ainda hoje, permanece, especialmente no seu país natal, a desvendar e a celebrar.

¹⁸ Em francês *legs*, termo jurídico que tem o seu equivalente, também jurídico, em português como “legado”, diferente de doação. (N.T.)

Anexo 1

A recepção de Suzanne Briet nos Estados Unidos

Michael Buckland

Quando de sua viagem aos EUA em 1951-1952, Suzanne Briet encontra muitos profissionais americanos, notadamente no meio das organizações internacionais (FID, IFLA, Unesco). Num primeiro momento, as ideias bastante avançadas de Suzanne Briet sobre a Documentação e o documento *“objeto que informa qualquer que seja sua forma material”* não foram muito bem compreendidas pelos especialistas americanos. Inclusive, o influente Jesse H. Shera faz um resumo equivocado de suas teorias, escrevendo, em 1952, que a teoria de Suzanne Briet era *“mais materialista que funcional”*. Essa declaração, assim como comentários um pouco condescendentes, fez com que a influência de Suzanne Briet permanecesse incerta até os anos 1980. Graças a Mary Maack (textos de 1983 e de 2004) e Michael Buckland (texto de 1995), ela foi enfim reconhecida como a líder da modernização da Biblioteconomia na França e como uma das raras mulheres pioneiras em Ciência da informação. Esse reconhecimento coincidiu com um novo interesse, nos anos 1990, pela história e a teoria da Ciência da informação, em especial com as atividades do *“Special Interest Group in History and Foundations of Information Science”* da American Society for Information Science and Technology. Dois artigos retomando as ideias de Suzanne Briet foram amplamente lidos pelos estudantes nas escolas de Biblioteconomia e de Ciência da informação. A ideia de que um antílope colocado em um zoológico pudesse se tornar um documento estimulava a imaginação dos estudantes! As camisetas mostrando o antílope de Suzanne Briet tornaram-se populares na universidade...